

UM ITINERÁRIO INSTIGANTE: A TRAVESSIA DO OPOSTO EM CLARICE LISPECTOR

Agnes Teresa Colturato CINTRA¹

SÁ, O. de. **Clarice Lispector: a travessia do oposto**. 2. São Paulo: Annablume, 1999. 272 p.

CLARICE LISPECTOR _ a travessia do oposto, obra de Olga de Sá, relançada em 1999 pela Annablume, São Paulo, apresenta subsídios indispensáveis aos pesquisadores do complexo que é a ficção de Clarice Lispector (1920 _ 1977).

Na introdução deste estudo, Olga de Sá posiciona-o em continuidade ao seu anterior *A escritura de Clarice Lispector*, 1933. Se em *A escritura* focaliza o pólo epifânico como o imantador da escrita clariceana, em *a travessia do oposto* faz do pólo paródico o instrumento de denúncia do ser, _pelo desgaste do signo, desescrevendo o que foi escrito, num perpétuo diálogo com seus próprios textos e com outros textos do universo literário_. Abre, portanto, perspectivas de pesquisas acadêmicas em torno da obra de Clarice Lispector, a partir dos procedimentos paródicos que envolvem a intertextualidade e a intratextualidade.

Exercitando a didática, que lhe é peculiar, Olga de Sá, em rápidas e suficientes pinceladas, introduz dados históricos sobre a paródia, fornecidos por Cláudio Abastado (_La situation de la parodie_, *Cahiers du 20e. siecle*) e o conceito de paródia séria, não burlesca _ paródia moderna _ proposto por Linda Hutcheon em seu livro *Uma teoria da paródia* (Edições 70, 1985), no qual apoia seu estudo. Este conceito remonta à raiz etimológica do substantivo *paródia* que, além do sentido tradicional de *contracanto* admite um sentido de *canto paralelo*, remetendo ao acordo, em função do prefixo grego *para*, tomado como *ao lado de*.

A hipótese de um *ethos* respeitoso em relação à paródia, proposta por Linda Hutcheon, é abraçada por Olga de Sá neste seu trabalho de desvelamento do signo clariceano em cinco obras - *A cidade sitiada*, 1949, *A maçã no escuro*, *A paixão segundo G.H.*, 1964, *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* e *Um sopro de vida* -, trabalho este desenvolvido em cinco capítulos e um anexo. Olga de Sá abrange um amplo espectro da obra Clarice Lispector ao abordar o tema da reversão paródica aplicado a cada uma dessas obras, uma vez que levanta diálogos com textos anteriores,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara-SP.

com a crítica e, principalmente, com outros textos da autora. _Os romances de Clarice dialogam entre si, levando-nos a concluir que ela realizou, às vezes, nos traços de suas personagens, a paródia de si mesma._

Metodicamente, Olga de Sá procede a um trabalho de percepção dos textos parodiados, reconhecidos _em filigrana_ em meio à malha discursiva da escritura de Clarice Lispector. Aos pontos de contato seguem-se os contrastes, pois _para que haja paródia, é necessário que haja coexistência de marcas de imitação e marcas de desvio em relação ao modelo_.

No primeiro capítulo Olga de Sá analisa *A cidade sitiada, 1949*, identificando a obra anterior - *Perto do coração selvagem* e *O lustre* _ como o texto parodiado. No capítulo II que focaliza *A maçã no escuro*, registra diálogos com obras posteriores como os contos _A imitação da rosa_, _Amor_ e _Mistério em São Cristóvão_ e os romances *A paixão segundo G.H.* e *A hora da estrela*. O capítulo III, dedicado à *A paixão segundo G. H.*, destaca a paródia explícita do texto bíblico _Paixão de Cristo segundo..._ e registra as aproximações com *Felicidade clandestina*, *Perto do coração selvagem*, *Onde estivestes á noite?*, *A maçã no escuro*, *A cidade sitiada*, e com o conto _Amor_. No capítulo IV o pólo paródico é rastreado em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, e, mais uma vez se registra que _Clarice Lispector dialoga com sua própria obra_. *O livro dos prazeres* é considerado por Olga de Sá _o oposto da travessia de G.H._, são reconhecíveis traços dos contos _Devaneios e embriaguez duma rapariga_, _A galinha_, _O búfalo_, _Amor_ e *A hora da estrela*. No capítulo V, ao buscar a reversão paródica da ilusão ficcional no seu desmascaramento no último livro de Clarice Lispector *Um sopro de vida (Pulsões)*, Olga de Sá alcança a *ars poética* da autora como o seu subtexto. _Virão juntos, grudados ao osso dessa poética, pedaços de Clarice mesma, pois ela jamais se distanciou de seu texto_. Olga registra o desmascaramento de Clarice na sua personagem Ângela, um _eu enovelado de eu_: ao descrever os traços de Ângela, Clarice se confessa.

Como se resistisse a terminar sua exposição sobre a grande escritora brasileira, Olga de Sá expande seu último capítulo num anexo. Através de uma montagem, justapõe as falas da personagem Ângela (*Um sopro de vida*), que, assumindo a _face dionisíaca de Clarice_, permite o entrelaçamento autor/ personagem e Clarice surge como um subtexto.

Os textos de Clarice Lispector se entrelaçam de tal forma que tendem a um todo único, tornando possível o trabalho de pesquisa integrado proposto por Olga. Diante de uma indagação, de caráter interpretativo, tal qual _Que é que todos sabemos e escondemos?_ cabível à análise do personagem Martim de *A maçã no escuro*, Olga de Sá se permite buscar respostas em *Um sopro de vida* (_sabemos que a vida é curta e vamos morrer_) e em *Paixão segundo G. H.* (_a condição humana é dor e essa é a nossa paixão_).

Em busca desta unidade, a analista metodiza seu trabalho em torno das recorrências rastreadas: as espaciais (_os jardins tem analogias com outros jardins_, cap. II), a presença constante de animais, plantas, flores e odores (_Um universo de perfumes_, cap. IV), o grotesco que une *Água viva*, *Maçã no escuro*, _O búfalo_ e _A menor mulher do mundo_(cap. II) e, enfim, dos traços das personagens.

Com um levantamento minucioso deste diálogo internalizado à obra de Clarice, Olga de Sá sugere possibilidades de pesquisa sobre o universo feminino das personagens clariceanas. Registra o _sentido epifânico_ que as une e as recorrências como _a obsessão da morte_, _a aderência à terra_ e as relações masculino/feminino recheadas de amor/ódio; _cabem todas nas categorias modernas_. Analisa traços parodiados de protótipos, como em *A cidade sitiada* em que Lucrécia é imagem invertida de Joana (*Perto do coração selvagem*) e Virgínia (*O lustre*). Ermelinda (*A maçã no escuro*) tem pontos de contato com Ângela (*Um sopro de vida*). _O percurso das personagens, de G. H. a Ângela, passa por Lóri (a aprendizagem do prazer) e por Macabéa (a aprendizagem da morte)_. Este movimento de retorno aos mesmos traços nas personagens femininas levanta a questão do diálogo autor/personagem enfatizada por Olga de Sá no último capítulo e anexo e leva-a a concluir sobre a _multiplicação de Clarice ou a dispersão de sua identidade nas suas _personae-textos_ e a investigar: o que é verdade? O que é ficção?

Através de levantamentos de traços extrínsecos à obra, tais como os bíblicos, mitológicos e de outros textos literários a analista abre perspectivas à pesquisa sobre intertextualidade, a partir de estudos comparativos. Assim, são evidentes os traços de paródia envolvendo a personagem Perseu de *A cidade sitiada* e o herói da mitologia, _O búfalo_ pode ser associado ao Minotauro (cap. IV), a personagem Lóri (*Livro dos prazeres*) pode ser aproximada de Loreley, a seria do mar, de Eva, de Penélope, de Vênus, de Sísifo e da Lua. Além do dialogismo explícito estabelecido pelo emprego de epígrafes bíblicas (texto do *Apocalipse* em *O livro dos prazeres*), ou do recurso da paródia (do texto evangélico sobre a paixão de Cristo e da oração Ave Maria em *A paixão segundo G.H.*), Olga de Sá meticulosamente registra aproximações com o texto bíblico nas demais obras.

Enfocando texto clariceano/outros textos, a analista discorre sobre os recursos estilísticos adotados por Clarice como forma de diálogo com o _fazer literário de outras épocas_. Assim, o emprego do operador discursivo _como_ é possível de ser analisado em *A maçã no escuro* e em comparação com o estilo de Alencar em *Iracema*. Nesta mesma obra registra aproximações com o poema indianista *I Juca pirama*. A _paródia do labor parnasiano_ é possível na atuação de Lucrécia (*Cidade Sitiada*) e de G.H. e a _paródia da posse amorosa_ tem em Ermelinda o ponto de ligação com os moldes românticos de *O morro dos ventos uivantes*.

Olga de Sá vislumbra a possibilidade de diálogo entre Clarice e a crítica através das personagens que respondem por ela, como Lucrecia em *A cidade sitiada*, a propósito da observação de Sérgio Milliet sobre *Perto do coração selvagem*. À medida que desenvolve seu trabalho a analista aborda a recepção da obra pela crítica.

Durante *a travessia do oposto*, viagem de desvelamento do signo clariceano, Olga de Sá atrai o leitor acadêmico registrando depoimentos pessoais da autora sobre as obras focalizadas. Na tentativa de desvendar o enigmático da escritura de Clarice, nada mais estimulador do que ouvir sua própria voz entrelaçada àquela que se propõe ser, como diz Haroldo de Campos na apresentação desta obra, *_enunciadora e anunciadora do texto lispectoriano, apógrafo e autógrafo a um mesmo tempo_*.